

MARIAS DE BEIRA RIO: UM ESTUDO DE GÊNERO NA COMUNIDADE SÃO BENTO, EM BURITIZEIRO, NORTE DE MINAS GERAIS¹

DANIEL AMARAL DE SOUZA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS – UNIMONTES
danielamaralsouza@hotmail.com

ANA CAROLINA DOS SANTOS PEREIRA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS – UNIMONTES
ana.karol16@hotmail.com

MARIA DAS GRAÇAS CAMPOLINA CUNHA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS – UNIMONTES
gracapira@yahoo.com.br

RESUMO

Este estudo fundamenta-se na abordagem de como se dão as relações de poder sobre o enfoque de gênero, buscando compreender o saber produzido e transmitido pela mulher, como forma de manifestação de seu modo de vida e de sua cultura. Ou seja, buscou-se interpretar o papel da mulher camponesa no que se refere às questões relacionadas à vida cotidiana na comunidade rural de São Bento, localizada no município de Buritizeiro, norte do estado de Minas Gerais. Busca-se entender também no sentimento da comunidade o papel da mulher na co-participação, produção e reprodução da cultura e modo de vida, quais os diferenciais e desdobramentos, e como a mesma se sobressai num ambiente que na maioria das vezes é masculinizado. Para tanto, foram utilizados métodos etnográficos de pesquisa com o propósito de acompanhar o cotidiano da comunidade sob o enfoque do feminino camponês para compreender suas práticas diárias. Práticas essas pautadas nas formas como elas se relacionam com os demais moradores e familiares nas esferas política e econômica.

Palavras-chave: Gênero. Mulher. Comunidade São Bento.

INTRODUÇÃO

Este estudo procurou debruçar-se sobre o feminino no sentido de compreender os arranjos e rearranjos socioculturais existentes na comunidade São Bento, localizada no município de Buritizeiro, Norte de Minas Gerais. Procurando interpretar o papel da mulher, sobretudo sua posição de parceira com o homem na manutenção da família e no núcleo comunitário. Buscou-se entender como os moradores sentem ou não sua visibilidade nas condições de sujeitos que vivem e reproduzem o dia-a-dia da comunidade.

¹ Iniciação Científica

Para alcançar o objetivo proposto, foram utilizados métodos etnográficos de pesquisa, tais como observação participante, relatos de vida e entrevistas abertas, em que buscou-se compreender os processos sociais vividos pela mulher, no sentido de entender seu papel no seio do campesinato.

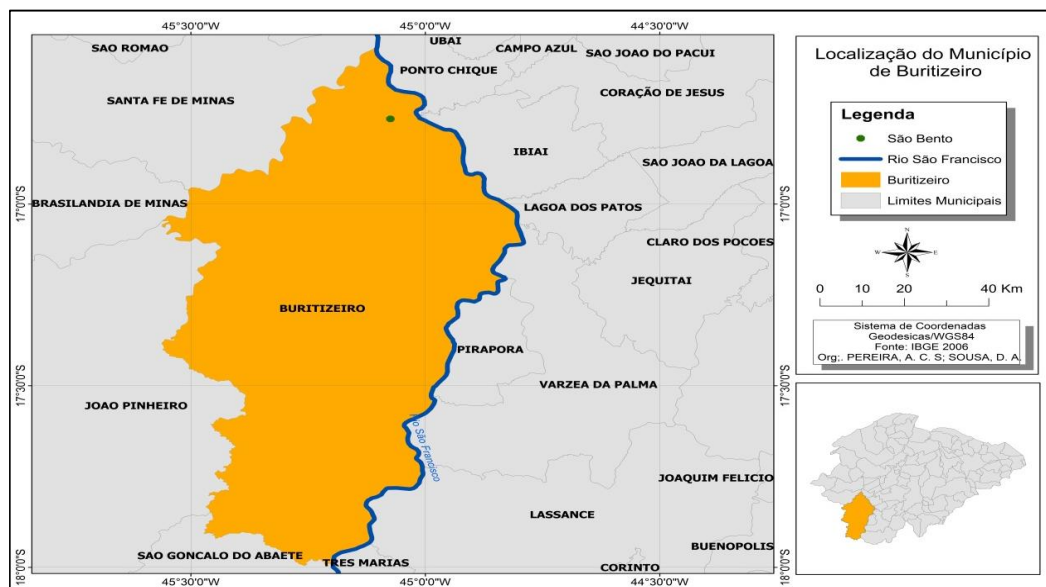
De acordo com Mendes (2008), a vivência em campo proporciona o conhecimento das concepções e representações da riqueza sociocultural do lugar, seus modos de vida, como as histórias da família, da religião, dos “causos” e, principalmente, da utilização do tempo, o ritmo de vida da população, além de sua inserção na ordem social como um todo.

Ainda nesse sentido, Rocha e Eckert (2008) inferem que a pesquisa etnográfica reúne a execução do olhar (ver) e o escutar (ouvir) do pesquisador, que se desloca de sua própria cultura, colocando-se no interior do fenômeno por ele observado, através de sua participação no cotidiano da realidade investigada. Desse modo, são empregados vários procedimentos técnicos da pesquisa etnográfica, tais como a observação participante, diário de campo, entrevistas, dentre outros.

A importância deste trabalho está em dar visibilidade a mulher de São Bento. Mulher esta, do lar, da roça, das questões políticas, míticas e sociais, bem como sobre sua “dupla jornada de trabalho”, ou seja, a organização dos trabalhos que envolvem o cuidado familiar e as tantas outras atividades que executa, muitas vezes mascaradas como “ajuda”.

CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

FIGURA 01- Mapa de localização da Comunidade São Bento - Buritizeiro/MG



FONTE: SOUSA, D. A.; PEREIRA, A. C. S. D. 2015.

A comunidade São Bento encontra-se inserida na mesorregião Norte do estado de Minas Gerais, na Bacia Hidrográfica do rio São Francisco, no município de Buritizeiro, Norte de Minas Gerais. A região é caracterizada pelas influências do fluxo migratório de populações de várias partes do país, principalmente do Nordeste, trazendo seus costumes, crenças e saberes tradicionais e incorporando ao longo do tempo novos saberes, no contato com o ambiente que vieram habitar.

Segundo D'Angelis Filho (2009), a região Norte de Minas caracteriza-se como uma ampla faixa de transição entre uma vegetação típica do Planalto Central Brasileiro- Os Cerrados- e as Formações que fazem contato com a vegetação típica do Semiárido Nordestino- a Caatinga. Em função das mudanças de altitude e linhas de drenagem, vão se formando as áreas de domínio, ora do Cerrado, ora da Caatinga, como quem disputa o domínio do território, essas formações se entrelaçam, conformando complexos e variados ecossistemas de transição- as Matas secas ou florestas caducifólias, em variadas formas.

Ainda nas falas deste autor, a ocupação humana dos variados ecossistemas com o passar do tempo foi se consolidando em diferentes sistemas de organização socioeconômica e cultural. Tais como os habitantes da caatinga (os Caatingueiros), os do cerrado (os Geraizeiros), os habitantes das ilhas e vazantes do São Francisco (os Vazanteiros), bem como, os indígenas e os quilombolas.

Os povos e comunidades tradicionais são grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007).

A comunidade tradicional São Bento, situada à margem esquerda do Rio São Francisco, é um território rico em recursos hídricos, pois está cercado pelos córregos Riacho da Porta, Barbosinha e Palmital. Grande parte de sua população se mantém, basicamente, por meio da coleta de frutos, fibras, raízes e folhas extraídas do bioma cerrado, que por sua vez, se transformam em alimentos, remédios, artesanato, dentre outros produtos.

Esta comunidade surgiu a partir de uma promessa feita no ano de 1961, pelo fazendeiro Emídio de Castro, ao santo São Bento, na intenção de ter cobras e outros animais peçonhentos afugentados de sua propriedade. Caso esta dádiva fosse alcançada, ele doaria dez alqueires de terra para o santo. E assim ele o fez. Os moradores contam que foram feitas

orações nos quatro cantos da fazenda. E o local em que hoje se encontra a igreja de São Bento, foi onde passaram os animais saindo da região.

FIGURA 02 – Representação da doação de Terras Para São Bento



FONTE: Erick Duarte, morador de São Bento 2013.

A Figura 02 foi feita por um jovem de São Bento de nome Erick Duarte, durante uma oficina realizada na comunidade em maio de 2013, mostra como a história dos primeiros moradores, a cultura e o repasse do saber estão entrelaçados no imaginário do lugar. Nela, encontra-se representada a necessidade de expressar concretamente os agradecimentos ao que foi conquistado com a ajuda do santo a quem a terra foi destinada. Isto é, quem chega ou quem nasce nessa terra, pode morar, pois elas serão sempre de todos, porque são do santo padroeiro.

Esta população é considerada geraizeira, nome derivado da denominação gerais, ou seja, os planaltos, encostas e vales da região dos cerrados. De acordo com Ribeiro (2012), estes povos sobrevivem do sistema de produção estruturado na lavoura diversificada, da criação de gado e animais de transporte, da utilização do cerrado, que é de onde retiram por meio do extrativismo a forragem para o gado, caça, frutos, madeira, mel, dentre outros. Além disso, são grandes conhecedores das propriedades medicinais das plantas.

RELAÇÃO DE GÊNEROS

A rede complexa de relações que resultaram nas lutas travadas pela mulher em busca de seus direitos, aponta a importância de se compreender que não se trata de estabelecer uma relação de igualdade ou diferenças entre os gêneros, mas entendê-los pela relação que se estabelece entre eles sem que, necessariamente, ela seja uma relação antagônica.

Dissertando sobre as esferas do trabalho familiar e o papel da mulher, bem como os nomes atribuídos ao trabalho realizado, CUNHA (2013, p. 78) diz que:

Das diversas formas de relações estabelecidas nos territórios camponeses, as mulheres desenvolvem atividades que garantem a sobrevivência do núcleo familiar e da comunidade, com a organização e o trabalho voltados para a sua manutenção, estabelecendo relações de vínculo afetivo e de trabalho coletivo: nas atividades agrícolas, onde ganha destaque o trabalho masculino, a presença da mulher também ocorre, uma vez que em épocas de trabalho mais intenso, sua participação é necessária. A complementaridade do papel e das atividades desempenhadas por ambos - homens e mulheres - é que possibilita a reprodução dessas populações.

Em uma das falas retirada de uma entrevista realizada com a senhora Vilma, mais conhecida como Dona Vilma e seu esposo o Sr. Domingos, ela diz:

“A gente mexe e vira e faz outras coisas, né.... Porque igual, é só eu e o seu domingo, aí tem hora que eu tenho que ficar ajudando, né... mexendo com o gado, e tudo, que aí não é bem meu trabalho doméstico, né. Tem que ta mudando gado de um lugar pro outro, né, as vezes é eu que ajudo levar e trazer” (VILMA, 2015)

Dona Vilma é uma mulher muito influente na comunidade, no trecho em destaque é possível perceber não só a concepção de identidades femininas e masculinas como também suas influências sobre a estrutura social da qual fazem parte, no caso, a comunidade em estudo.

Assim é que tais constituições operam transformações seja em discursos, instituições ou na esfera pública e privada. Entrevistando a professora Sra. Arlete Almeida representante do Movimento do Graal no Brasil², esta, infere sobre essas questões dizendo:

No contexto campesino, as mulheres vivem na lida o dia todo. Além do trabalho no campo efetivamente, elas cuidam das crianças dos animais domésticos, das hortas

²O Movimento do Graal no Brasil é parte do Movimento do Graal Internacional fundado na Holanda em 1921 pelo PE. jesuíta Jacques van Ginneken e com atuação hoje em países da África, Ásia, América e Europa. No Brasil, o Graal inicia as suas atividades entre os anos de 1949 e 1951, em cidades como São Paulo, Belo Horizonte MG e Angra dos Reis-RJ, tendo sempre como objetivo principal a construção de uma sociedade mais justa, com equidade de gênero. A ação do Graal sofre várias modificações ao longo dos anos, no entanto, sempre se orientou pela prática da educação popular na área do desenvolvimento humano e comunitário em áreas urbanas e rurais.

próximas às residências e exercem em quase todas as comunidades as tarefas de benzedoras, parteiras, curandeiras, rezadeiras dentre outros. Este absurdo de tarefas deixa-as sobrecarregadas e muitas, ainda repetem o dizer que é dito por muitos: “Eu não trabalho só cuido da casa” (ARLETE, 2015).

Não é novidade o fato de que a mulher vem cada vez mais galgando espaços variados, em que passa a desempenhar funções de chefia, tanto quando o homem migra para realizar o trabalho assalariado, buscando-se equilíbrio entre consumo e renda. Elas se tornam literalmente as chefes de família, pela inexistência do personagem masculino - aquele que normalmente é investido no papel de líder - no núcleo familiar.

Ao mesmo tempo essa fala mostra que a mulher continua atrelada aos modos de vidas hierarquizados que tende a invisibilizar a sua atuação no dia a dia relegando seu trabalho fora do núcleo familiar apenas como ajuda. De modo que a mulher trabalha em suas tarefas domésticas, atua nas decisões comunitárias como liderança e ainda “ajuda” o marido na criação de gado, plantio e colheita.

Então o casal é só mais uma extensão da visão generalizada. Nenhum dos dois percebe o grau de exploração que vivem. Ele é o macho trabalhador, que dá conta de uma tarefa extenuante e ela a companheira submissa, em muitos casos, que trabalha junto com ele; lado a lado, e também não enxerga que são reféns de um modelo capitalista perverso e explorador do qual fazem parte. (ARLETE, 2015)

Nesse sentido, a diversidade das relações sociais se expressa na forma como nos percebemos e nos afirmamos no grupo do qual nos sentimos parte. Dessa forma a mulher camponesa nortemineira, sobretudo a mulher de São Bento, assim como em vários outros núcleos rurais existentes no Brasil, possui essa característica de se afirmar no contexto de coparticipação na manutenção e produção de redes de solidariedade e manutenção de sua cultura.

A importância do mulher na Comunidade São Bento

Em São Bento, a importância da figura feminina se destaca como a principal guardadora dos costumes locais, contribuindo na continuidade e manutenção dos saberes populares e tradições culturais da comunidade.

As práticas tradicionais de cura, a organização da vida religiosa, principalmente as manifestações católicas, como a Folia de Reis, são conduzidas pelo feminino camponês. É possível identificar esses valores que vivificam a memória e os costumes locais, as tradições que são repassadas por meio da prática de ensinar as rezas, benzimentos, as danças,

brincadeiras e outras atividades. Essas manifestações têm na realização da festa do padroeiro que dá nome à comunidade, São Bento, a culminância de suas tradições.

De acordo com Rocha (2012) a mulher desenvolve o papel de guardiã da tradição, é ela que é responsável pelo processo de socialização das pessoas, principalmente as idosas, as avós- mulheres sábias e com experiência de vida- é que ensinam aos netos e aos filhos as práticas sociais desempenhadas na comunidade.

FIGURA 03 – Manifestação cultural na comunidade São Bento



FONTE: Sujeito/ Agentes, 2014.

É possível identificar a facilidade da mulher em se interagir e tecer uma rede articulada na política local, quando assim é do interesse da comunidade. Atualmente, São Bento conta com uma associação comunitária de produtores rurais, que possui aproximadamente 30 famílias. A diretoria é composta em sua maioria por mulheres que desenvolvem trabalhos na comunidade como o auxílio de pessoas na busca da aposentadoria, participação na pastoral, incentivo no cuidado infantil, além da atuação nos eventos religiosos. De acordo com Dona Vilma, (ex-presidente da Associação dos Trabalhadores Rurais):

Dentro da associação mesmo, praticamente o que a gente vem fazendo é um trabalho, porque a gente olha tudo assim... a questão de aposentadoria das pessoas, salário maternidade, às vezes falta o documento, a gente até fornece o documento... A questão da igreja também, a gente faz muito trabalho dentro da igreja, na questão da pastoral da criança também, que é um trabalho que a gente faz de lá na casa das

peessoas, ta olhando a saúde das crianças, como que tá, pra ver se as crianças ta desenvolvendo bem. (Dona Vilma, 2015)

Portanto, as práticas utilizadas na organização comunitária são formas de perceber o meio no qual estão inseridas e utilizar desse meio para se ajudarem mutuamente, e as mulheres muito mais facilmente que os homens, conseguem dentro desse espaço de diálogo que é a associação, se organizarem enquanto campesinato. Segundo García (2004, p. 32):

Não nos deparamos só diante de um objeto material, mas também com uma forma de organização visual da percepção do meio, da natureza. Assim os significados que a paisagem tem, ou assumem, se utilizam dos códigos culturais da sociedade para o qual são feitos. Tais códigos estão embutidos em estruturas sociais de poder múltiplas.

Assim, entende-se que por meio das múltiplas formas de apropriação do espaço, em São Bento, a mulher se destaca no processo de construção e reprodução do território por meio do trabalho junto com o parceiro, além de seu conhecimento sobre as propriedades medicinais das plantas do cerrado.

De acordo com Garcia (2004, p. 68), [...] “a produção e reprodução do espaço estruturam-se através de determinadas relações de poder decisivo sendo o gênero uma delas”. Dessa forma, a mulher produz e reproduz cultura e modos de vida, delimitando seu território e conferindo aos seus pares o sentimento de pertença.

Relacionado à figura feminina, Dona Vilma relata a sua importância dentro na comunidade:

Antigamente a mulher trabalhava só dentro de casa, né, só no serviço da cozinha, e daí pra roca, pra ajudar o marido, e as vezes, num atualizava na política, né, nos eventos sociais que existe na comunidade. Hoje não, a mulher tá participando quase de tudo que existe na comunidade. E graças à Deus, na nossa comunidade, nos não temos assim, a maiorias de mulheres, mas nós temos bastantes mulheres que trabalham na comunidade. E eu acho que é importante sim, a mulher trabalhar, as vezes tem horas que a mulher tem mais visão do que o homem. Na nossa comunidade a gente tem visto bem isso. (Dona Vilma, 2015)

Essa contribuição da mulher, em São Bento é devidamente reconhecida pelos pares que reconhecem sua importância na continuidade das praticas culturais adotadas pelos antepassados, e isso vem propagando através da mulher que junto com o homem, se tornam guardiões do saber e do fazer cotidiano.

Segundo o Senhor Domingos, morador da comunidade, a presença feminina na comunidade é muito importante:

“A gente ta vendo que parece que a mulher tem mais interesse com as coisas né, pelos menos na nossa comunidade, mais interesse em esta participando, se dedica mais a associação, os homens eu acredito que eles não vai um bocado é porque não tem interesse mesmo, deixa tudo por conta da mulher”.(Domingos, 2015)

Outro fator de fortalecimento da cultura local é a permanência de práticas tradicionais relacionadas às suas crenças e superstições, além do conhecimento sobre o uso medicinal das plantas do Cerrado. As benzedadeiras são personagens importantes e uma das figuras de maior representação de São Bento. Os moradores recorrem a elas buscando ajuda no tratamento de enfermidades, por meio de “remédios do mato”, chás, rezas, “benza” para quebrante, mau olhado, inflamação, entre outros males que lhes são acometidos.

De acordo com Silva (2013), para os benzedores o aprendizado adquirido sobre a arte de benzer se dá por meio de um chamado divino para ajudar as pessoas, no imaginário popular são intermédios de cura, sendo um canal pelo qual Deus concede uma benção. E esse dom pode ser dado a qualquer pessoa, independente de sua classe social. Nas falas desta autora, a benção não está no benzedor, e sim na fé do penitente ou paciente, que sabe que Deus que cura, que o benzedor é só um mediador, ou seja, um instrumento usado por ele, que está sempre a disposição de quem necessita, sem nada cobrar. Como diz dona Alaíde, “*Ser benzedeira é receber um dom de Deus*”(benzedeira da comunidade).

Nas incursões a campo pôde-se observar que Dona Alaíde (moradora da comunidade São Bento) é uma pessoa profundamente religiosa, respeitada e procurada pelos moradores. A mesma, faz uso de plantas extraídas das matas, do próprio quintal ou da beira dos córregos que estão presentes em grande parte da região, como a “folha de algodão” e o “mentraste” que são utilizados contra inflamações.

Sempre que chegam as pessoas de fora à procura de algum remédio ela diz: “*Eu sei esse remédio aqui, você faz!*”. Da mesma forma que prepara para si e seus familiares, ela ensina a outros interessados. O mentrasto é uma erva encontrada praticamente todo ano pelos membros da comunidade na beira dos córregos. Pode chegar a um metro de altura, é “peluda”, tem folhas ovadas e flores brancas, possuindo em sua estrutura várias ramificações.

Através da vivência com as mulheres de São Bento, foi possível eleger algumas espécies da flora cerradeira que apresentam valores medicinais e que são utilizadas na cura de algum mal que as afligem. As mesmas servem de exemplo para demonstrar a riqueza do bioma e o valor de cada espécie para a população. As espécies citadas foram divididas em diferentes categorias de uso, tais como nome popular, nome científico, parte do vegetal utilizada, uso popular e formas de preparo. Os dados obtidos foram interpretados e organizados no quadro abaixo:

Quadro 01 – Plantas medicinais cultivadas nos quintais e coletadas nas matas da Comunidade São Bento

NOME VULGAR	NOME CIENTÍFICO	PARTE VEGETAL UTILIZADA	USO POPULAR	FORMAS DE PREPARO
Arnica	<i>Arnica montana L.</i>	Folhas	Reumatismo/ Dores lombar	Curtida no álcool
Arruda	<i>Ruta Graveoleons Uta Graveoleons</i>	Folhas	Problemas respiratórios	Curtida na pinga
Alfavaca	<i>Ocimum micranthum Willd.</i>	Folhas	Gripe	Chá e Sumo das folhas (folha macerada)
Algodão	<i>Cochlospermum regium</i>	Folhas/raízes/ casca	Inflamações/ purgativa	Chá (casca macerada)
Alecrim do Mato	<i>Baccharis dracunculifolia</i>	Folhas/ Raízes	Gripe/ Inflamações/ Febre	Chá (Infusão)
Batata de Purga	<i>Operculina alata</i>	Folha/ Raízes	Vermífogos/ Diarréia	Bolo, doces, chás
Batecaixa	–	Casca	Úlcera	Curtida, chá
Baru	<i>Dipiterixalata Vog.</i>	Fruto/semente	Estimulante	Óleo
Barbatimão	<i>Stryphnodendron adstringens (Mart.) Coville</i>	Casca	Antidiarréica, combate hpenias, feridas e corrimento	Casca (macerada)
Boldo	<i>Plectranthus barbatus Andrews</i>	Folhas	Dor de barriga	Sumo
Cagaita	<i>Eugenia dysenterica</i>	Folhas/frutos	Laxante (fruto quando maduro)/ antidiarréicas	Chá (infusão)
Calunga	<i>Símaba Ferruginea St, Hil</i>	Raíz	Diabetes/ Fígado	Chá (infusão)
Capim Santo	<i>Cymbopogon citratus</i>	Folhas/ Raíz	Tosse/ Febre	Chá (infusão)
Carapiá	<i>Dorstenia arifolia Lam.</i>	Raízes	Bronquite/ Estômago	Chá e emplastos
Erva Cidreira	<i>Melissa officinalis</i>	Folhas	Gripe/ Calmante	Chá (Infusão)
Cipó podre	–	Folhas	Estômago	Chá (maceração)
Folha do	<i>Astronium</i>	Folhas	Dor	Infusão

NOME VULGAR	NOME CIENTÍFICO	PARTE VEGETAL UTILIZADA	USO POPULAR	FORMAS DE PREPARO
Gonçalo	<i>fraxinifolium</i>			
Cont. Tabela 1				
Jaborandi	<i>Pilocarpus jaborandi</i> <i>Holmes</i>	Sementes/ folhas	Gripe	Chá (infusão)
Jatobá	<i>Hymenaea sp.</i>	Resina/ Casca	Gripe/ Problemas renais/ Contusões/ Distenções	Curtido no alcool, chás e sucos
Jurubeba	<i>Solanum aff.</i> <i>Lycocarpum S.</i>	Raiz/ Folhas e Frutos	Fígado/ Úlcera	Curtida no alcool, Chá (decocção)
Lambara	—	Goma	Úlcera/ Gastrite	Maceração
Mamão	<i>Carica papaya</i>	Folha/ Raízes	Vermífogos/ Derrame	Chás (decocção), doces
Mastruz	<i>Chenopodium</i> <i>Ambrisioides L.</i>	Folha/ Raízes	Vermífogos	Chás (queimadas)
Óleo de Pau	—	Óleo	Gripe/ Sinusite/ Estômago	Chá (decocção) bolos, doces, (queimadas)
Pau Ferro	<i>Caesalpinia ferrea</i> <i>Mart.</i>	Cascas/ Folhas	Estômago	Curtida na água
Pacari	<i>Lafoensia pacari St.</i> <i>Hil</i>	Raiz	Febre	Chá (infusão)
Papaconha	<i>Cephaelis ipecacuan</i>	Raiz	Tosse/ bronquite	Chá (infusão)
Pau Santo	<i>Kielmeyra Coriacea</i> <i>Mart.</i>	Cascas	Estômago/ Rins	Curtida
Pequi	<i>Caryocar brasiliense</i>	Frutos	Combate a gripes e resfriados	óleo
Poejo	<i>Mentha pylegium</i>	Fohas	Gripe	Chá (infusão)
Quina	<i>Strychnos pseudoquina</i>	Casca	Fígado	Chá da casca e casca curtida na água
Quitoco	<i>Pluchea Sagittalis</i>	Folhas	Estômago/ disenteria	Chás (infusão)

NOME VULGAR	NOME CIENTÍFICO	PARTE VEGETAL UTILIZADA	USO POPULAR	FORMAS DE PREPARO
Sucupira Branca	<i>Pterodon sp.</i>	Semente/ Casca/	Contusões/ Luxações	Casca Curtida na água, e semente macerada

Org: PEREIRA, A C. S.

As partes vegetais de maior uso principalmente pelas mulheres da comunidade são as folhas, cascas e raízes, que estão associadas ao tratamento da gripe, inflamações, dores de estômago, lombar e cabeça, além de doenças relacionadas ao fígado e rins.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se perceber que mesmo num ambiente masculinizado hierarquicamente a mulher tem o seu papel reconhecido como propagadora e reprodutora do saber e da cultura de um povo, um grupo social e/ou de uma comunidade rural, como é o caso de São Bento.

Os modos de vida da mulher de São Bento lhe confere grande visibilidade na comunidade, a mesma promove o fortalecimento comunitário, seja por meio de suas práticas medicinais, organização da vida religiosa, bem como sua influência política, o que contribui para preservação e continuidade da cultura local.

A mulher com maestria lida na comunidade se multiplicando por assim dizer na função de mãe, esposa, líder comunitária e companheira no roçado, garantindo dessa forma a manutenção do núcleo familiar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Decreto n. 6.040 de 7 de fevereiro de 2007. **Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais**. Brasília, 2007.

CUNHA, Maria das Graças Campolina. **GAMELEIRA, SERTÃO NORTE DE MINAS GERAIS: Um olhar feminino sobre o feminino camponês**. 2013.

D'ANGELIS FILHO, João S. Do Local ao Supralocal: O caso dos Caatingueiros e Geraizeiros na Região de Porteirinha. In: WILDHAGEN, Cid Dutra (Org). **Caminhos para o Desenvolvimento Territorial**: Novas abordagens. Belo Horizonte: SEDVAN/IDENE, 2009, p.61-63.

GARCÍA, Maria Franco. **A luta Pela Terra Sob o Enfoque de Gênero: Os Lugares da Diferença no Pontal do Paranapanema**. 2004.

MENDES; E. D. P. P. Identidades sociais e suas representações territoriais: as comunidades rurais do município do Catalão (GO). In: ALMEIDA, M. G; CHAVEIRO, E. F; BRAGA, H. D. C. (Org). **Geografia e cultura**: a vida dos lugares e os lugares da vida. Goiânia: E. V., 2008. p. 137-165.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia. **Etnografia: saberes e práticas**. In: PINTO, Celí Regina Jardim; GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos (org). **Ciência Humanas: Pesquisa e Método**. Porto Alegre: Editora da Univerdidade, 2008.

ROCHA, Maria Tereza. Territorialidade e Gênero: mulheres vazanteiras do rio São Francisco. In: COSTA, João Batista de Almeida e OLIVEIRA, Claudia Luz de (Org). **Cerrado, Gerais, Sertão**: Comunidades tradicionais nos sertões roseanos. São Paulo: Intremeios, 2012, p. 217.

SILVA, GISELDA SHIRLEY DA. **A arte de benzer e uso das plantas medicinais: práticas e representações orais de benzedores e raizeiros acerca do saber fazer em João Pinheiro (MG)**. In: X Encontro regional Sudeste de história oral: Educação das sensibilidades, violências e desafios contemporâneas. Campinas: UNICAMPI, 2013.

SILVA, Reginaldo Ribeiro da. **Os geraizeiros e os impactos socioambientais vividos município de grão mogol**. Trabalho apresentado no IV Encontro da Rede de Estudos Rurais. Mundo Rural, Políticas Públicas, Instituições e Atores em Reconhecimento Político. Curitiba: UFPR, 2010.